

O ATO DA RELIGIÃO COMO CONDENSADOR DE SUJEITOS NA TEORIA DE DURKHEIM

SILVA, Edmilson Cardoso da*
BACELAR, Alan Silva**

Resumo: A religião na perspectiva do sociólogo francês Émile Durkheim é um fenômeno de Coesão Social. Ao abordar essa problemática ele não está preocupado em compreender a fé de cada indivíduo, mas sim analisar como a religião é capaz de manter a ordem social através de um senso coletivo. Para fortalecer melhor esse argumento o Durkheim conceitua a religião como um “Fato Social”, pois possui todas as características necessárias para tal. Ao conceituar a religião como um “Fato Social” Durkheim parte do princípio que a religião foi criada com o objetivo de manter a ordem de uma determinada sociedade. Quando ele classifica um ato profano, o mesmo está voltado aos anseios individuais, mas quando se refere a um ato sagrado, está direcionando a uma ação coletiva. Neste caso, a religião é vista em sua concepção como um ato sagrado, onde diversas pessoas partilham das mesmas crenças, costumes, valores etc.

Palavras-chave: Religião, Fato Social, Coesão Social.

Primeiras reflexões

Durkheim era filho e neto de rabinos, porém desde cedo foi se distanciando das religiões de seu berço. É exatamente esse distanciamento que atraiu diversos comentadores para buscar na sua religiosidade ou algo relacionado a ela que fosse capaz de explicar a sua incessante preocupação com a moral da sociedade. Outro aspecto é que ao estudar a religião como fato social, levou seus críticos a estes levantarem dúvidas quanto a sua capacidade analítica principalmente por sua origem religiosa.

Seus estudos dizem respeito principalmente a chamada sociedade moderna, que segundo ele, os fatos sociais relacionados à

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia/ProfSocio (UACIS/CDSA/UFCG). E-mail: azurado1@gmail.com.

** Egresso do curso de Licenciatura em Ciências Sociais (UACIS/CDSA/UFCG). E-mail: alandddk@gmail.com.

religião são fatos ocorridos somente nesta sociedade e não na maioria das sociedades incluindo as ditas primitivas. Inclusive alguns elementos como política e moral permanecem até os dias atuais. Sua obra tem como base fundamental a preocupação de uma sociedade coesa, sendo que, destaca Durkheim, para que isso ocorra seria preciso a existência de elementos coercitivos capazes de gerar uma consciência coletiva na sociedade.

A religião é uma temática que vêm sendo abordada por diversos intelectuais. Muitos deles contribuíram de um modo significativo para entendermos o fenômeno religioso na modernidade. Uma dessas cabeças pensantes foi Émile Durkheim, assim como seu sobrinho Marcel Mauss. Desde muito tempo se pergunta, existe sociedade sem religião? Alguns autores contribuíram para o desenrolar dessa questão problema, porém um intelectual que mais aprofundou essa questão foi o Durkheim, pois para ele a religião é o elemento que mantém a sociedade unida.

Religião, para que serve?

O sociólogo Francês foi um dos principais autores no modo de se pensar religião na nossa sociedade contemporânea. Para ele a religião não estava ligada a uma ótica sobrenatural, mas sim uma de coesão dos indivíduos, no sentido em que foi graças a ela que se gerou um “pacto Social”, visto que sua principal característica é de controlar os mesmos.

Esse “pacto social” é um acordo entre os indivíduos a respeito da sua coletividade. Caso os indivíduos descumpriam esse pacto, a sociedade irá entrar em uma anomia, visto que para o sociólogo francês os indivíduos partilhar de valores, crenças, costumes em comum, aspectos que promovem a coesão social, dimensão desejável.

A partir desta constatação Durkheim afirma que o objeto do cientista social são os fatos sociais, este são a matéria prima do cientista da sociedade. Para algo ser considerado um fato social é preciso obter

três características: generalidade, exterioridade, coercitividade. Deste modo, a religião pode ser considerada um fato social, logo a mesma possui essas três características. Ela é geral no sentido em que a mesma abrange um coletivo como um todo, não se tornando fadada ao individualismo. Pode ser considerada externa uma vez que independente do indivíduo existir ou não, a religião vai se fazer presente no mundo do mesmo modo. E coercitiva no sentido que a sociedade mesmo de uma forma camuflada lhe obriga a possuir uma religião.

Desde as sociedades “primitivas” a religião se faz como um canal de unificação dos indivíduos no sentido de os mesmos por não partilharem de uma comunidade orgânica, ou seja, uma sociedade diversificada nas diferenças, eles passam a obter uma forma de pensamento retilíneo, voltada a homogeneidade de ideia, porém, suas crenças e valores não se tornam menos importantes que as comunidades “civilizadas”. Para muitos, alguns rituais podem ser considerados ridículos, mas são eles que irão manter a coesão social dessa determinada tribo.

Segundo Durkheim:

O menor desenvolvimento das individualidades, a dimensão mais reduzida do grupo, a homogeneidade das circunstâncias externas, tudo concorre para reduzir diferenças e variações ao mínimo. O grupo realiza com regularidade uma uniformidade intelectual e moral, das quais se encontram apenas raros exemplos nas sociedades que mais progrediram. Tudo é comum a todos [...]. Tudo é uniforme e tudo é simples [...] O acessório, o secundário, os desenvolvimentos vistosos ainda não chegaram a esconder o essencial. Tudo é reduzido ao indispensável, aquilo sem o que a religião não se verifica. Mas o indispensável é igualmente o essencial, ou seja, aquilo que nos pre-me conhecer em primeiro lugar. (DURKHEIM, apud. CIPRIANI, 2007, p. 95).

Quando se pensa em religião na perspectiva de Durkheim não podemos esquecer sobre o que ele conceitualizou como profano e sagrado. O profano para o mesmo não está ligado a promiscuidade, mas sim ao individualismo. E o sagrado estaria correlacionado ao um ato coletivo.

Algo só pode ser caracterizado sagrado, se um determinado número de pessoas partilharem dessa mesma crença.

Ao tomarmos como exemplo uma determinada imagem de um santo católico, pode-se perceber que para aquele determinado povo que segue a doutrina católica como religião, essa imagem se faz santificada. Porém, se houvesse só um indivíduo que partilhasse desse modo de pensar, essa imagem não passaria apenas de uma escultura. Outro exemplo que podemos explanar é em relação a procissão. Esse determinado rito só torna-se sagrado devido a uma grande parcela de devotos que acreditam fielmente que esse rito irá lhe trazer uma paz interior ou resolver algum determinado problema. Essa aceitação a um determinado rito se dá através da crença. Entretanto, Durkheim não irá estudar a crença dos indivíduos, mas a força que a mesma tem em controlar esses determinados sujeitos.

É importante enfatizar que para haver um ritual sagrado, antes de tudo deverá ocorrer a crença. Mesmo, ambos estando hibridados, não há nenhum ritual se não houver crença. A crença seria o pilar de qualquer ritual.

Neste sentido Cipriani diz:

As primeiras são estados de opinião, e constam de representações; os segundos, determinados modos de ação. Entre as duas classes corre a mesma diferença que entre pensamento e movimento [...]. Seria necessário, portanto, caracterizar o objeto do rito para conseguir caracterizar o próprio rito. Ora, justamente na crença se exprime a natureza específica de tal objeto. Portanto, é impossível definir o rito sem antes definir a crença (2007, p. 96).

A religião na concepção do francês Durkheim serve como algo para condensar os valores da sociedade e de certo modo criar laços de afinidade e/ou identidade, nas suas obras ele representa as crenças religiosas como coletivas, logo, seus rituais são de práticas coletivas, um elemento importante na sua obra é o totem que representa muito bem essa ideia de unidade, é ele que transforma o grupo em grupo, ele pode

ser qualquer objeto, animal ou planta que seja cultuado como um símbolo da coletividade.

É possível perceber que a religião tem função de unir pessoas em torno de um ideal comum, partilhando dos mesmos valores, costumes e crenças formando uma identidade na qual todos irão identificar-se através dessa unidade, haja vista que, ao congregar ideias semelhantes os indivíduos sentem-se unidos uns aos outros através de algo comum como a fé.

Quintaneiro em sua obra diz:

A parcela de responsabilidade que a solidariedade mecânica tem na integração social depende da extensão da vida que ela abrange que é regulamentada pela consciência comum. O estabelecimento de um poder absoluto - ou seja, a existência de um chefe situado muito acima do resto dos homens, que encarna a extraordinária autoridade emanada da consciência comum – embora já seja uma primeira divisão do trabalho no seio das sociedades primitivas não muda ainda a natureza de sua solidariedade, porque o chefe não faz mais do que unir os membros à imagem do grupo que ele próprio representa (2009, p. 79).

Nesse sentido pode-se exemplificar a igreja como uma instituição capaz de reunir pessoas com propósitos parecidos, levando através de procissões como acontecem no Brasil. Desde muito tempo a sociedade possui um rito de cultuar um ser divino, neste caso a procissão seria um desses rituais unindo milhares de pessoas em torno de um mesmo sentimento de fé e de renovação na qual toda sua devoção é depositada em uma imagem que representa uma santidade capaz de mover em seu íntimo um sentimento de fé e gratidão, representando na teoria durkheimiana um rito, haja vista que existe todo um procedimento adotado a ser cumprido.

Para o autor, a religião é um fato social, visão essa compartilhada por Tania Quintaneiro que descreve: “As regras morais são fatos sociais apresentam-se como coisas agradáveis de que gostamos e

desejamos espontaneamente. Estamos ligados a elas com todas as forças de nossa alma” (2009, p. 75). Como todas as regras de moralidade estão intrinsecamente ligadas aos atos individuais que acarretarão em atos coletivos, mais precisamente a religião corresponde na sua ótica a um contrato social no qual todos os indivíduos estão regidos por um “acordo” comprometendo-se em seguir rigorosamente seus pontos estruturantes contribuindo positivamente para a formação da coletividade tão presente em suas obras. Caso esses indivíduos não cumpram o que supostamente está acordado entre todos, mesmo que informal a sociedade entrará em anomia devido à falta de coesão entre seus membros, tudo isso acarretará em consequências prejudiciais para os indivíduos envolvidos na ação.

Um caso possível de explicar através de sua teoria da religião diz respeito ao suicídio que para Durkheim é advindo de momentos em que a solidariedade mecânica, o individualismo e a falta de coesão da sociedade sobressaem perante os demais, isso ocorre principalmente quando a sociedade está desunida ou em momentos de ausência dessa mesma sociedade com suas regras impondo e controlando seus membros, desta maneira seus indivíduos sentem-se carentes a ponto de porem fim a sua própria vida. Isso ocorre quando há uma individualidade pulsante no coração da sociedade deixando-a fragilizada, nos casos onde um indivíduo está por algum motivo distante desse ideal coletivo, este estará propenso a cometer atos falhos por sentir-se só, isolado ou até mesmo por falta de apego a algo que o prenda nesta vida. Outro fato social importante estudado por Durkheim que também é oriundo dessa falta de coesão social é o crime, onde está propenso a cometer este tipo de violência pessoas sem nenhum apego familiar ou religioso.

Em sua obra *As formas Elementares da Vida Religiosa*, ele procura distinguir as coisas sagradas das coisas profanas que são encontrados no princípio de toda religião e que para ele são coisas totalmente distintas, mas que estão intimamente entrelaçadas sem necessariamente misturar-se, uma não existiria sem a outra, o sagrado

diz respeito não somente as coisas divinas relacionadas a algum tipo de deus ou algo sobrenatural, contrapondo a visão de Tylor e Spencer que naquele momento acreditavam que a religião era simplesmente a crença no sobrenatural e com o misterioso.

Durkheim entretendo, argumenta que, “por coisas sagradas, convém não entender simplesmente esses seres pessoais que chamamos de deuses ou espíritos” (DURKHEIM, 1996. p. 20). Já o profano está ligado às coisas do mundo, do cotidiano. Vale ressaltar que nem toda religião está sustentada pela ideia de um deus ou de vários deuses ou até mesmo de espíritos, há grandes religiões onde essa ideia está ausente ou não tem nenhuma representatividade ou dependência do homem para com ele como o budismo.

Considerações finais

Durkheim foi um autor que teve a sabedoria e perspicácia de observar a religião, como fonte de união entre os membros que compartilhavam de sentimentos, crença e valor próximo ou semelhante. Suas obras estão basicamente alicerçadas sobre a ligação social entre os membros de uma sociedade tendo um elemento capaz de ser esse elo que uni a todos em volta dos mesmos valores, ideais, costumes ou crenças, ele encontrou na religião esse elemento forte e eficiente que concretiza sua base teórica.

Seu ponto de vista, bem como, sua posição teórica, foi dividido e aprimorado posteriormente por inúmeros intelectuais devido a sua tamanha importância para a Sociologia naquele momento histórico na qual a sociedade europeia passava após as revoluções existentes naquele continente.

Referências

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo-SP: Martins Fontes, 1996.

QUINTANHEIRO, Tânia. **Um toque de clássicos**: Marx, Durkheim e Weber. Belo Horizonte-MG: Editora UFMG, 2009.

CIPRIANI, Roberto. **Manual da sociologia da religião**. São Paulo-SP: Editora Paulos, 2007.